



A Criminalização da Escola Pública pelo Jornalismo Policial¹

Prof. Dr. Arthur Meucci²

Revista Espaço Ética: Educação, Gestão e Consumo

Profa. Dra. Regina Célia Faria Amaro Giora³

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

Este artigo analisa fenômenos discursivos sobre a escola pública entre os membros de uma comunidade de alto capital econômico na cidade de São Paulo no ano de 2014. Constatou-se um alinhamento discursivo de marginalização da instituição escolar, dos seus membros (educandos e educadores), e uma defesa do ensino privado como instância legítima de formação escolar e ética. Os argumentos e figuras de linguagem utilizados nesses discursos eram veiculados diariamente pelo jornalismo policial veiculado nas emissoras de televisão, impondo estereótipos depreciativos aos educandos para a opinião pública.

Palavras-chave: Escola Pública; Estereótipo; Jornalismo Policial; Opinião Pública; Mercantilização do Ensino.

Este artigo nasce do desdobramento da tese doutoral que se propôs analisar aspectos éticos nas relações de ensino-aprendizagem no ensino médio das escolas públicas estaduais (MEUCCI, 2016). Como parte da estratégia metodológica, iniciamos uma pesquisa com a comunidade ao redor da escola para analisar os contextos histórico-culturais do objeto de pesquisa fazendo uso da Hermenêutica de Profundidade (THOMPSON, 2011). Durante as entrevistas surgiram discursos preconceituosos sobre

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 8 – Comunicação, Educação e Consumo, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Bacharel, Licenciado e Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo, Doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, Psicanalista pelo Instituto Brasileiro de Ciência e Psicanálise (Sinpesp nº 0889). Editor da Revista Espaço Ética.

³ Bacharel em Filosofia e Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Docente no programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Mackenzie. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Criatividade e Inovação na Arte, na Ciência e no Cotidiano.



o papel da escola pública na comunidade e atitudes de desrespeito em relação aos educandos e educadores, impedindo a criação de vínculos necessário para se estabelecer uma *eticidade* baseada no *mútuo reconhecimento* segundo Axel Honneth (2003).

As situações de desrespeito protagonizados pela comunidade advém do agendamento temático feita pelos meios de comunicação. Segundo Maxwell McCombs, os meios de comunicação pautam os assuntos e opiniões do público através das discussões agendadas diariamente pela imprensa (2004). O jornalismo policial no início de 2014 colocou como pauta a “diminuição da maioria penal” para eleger deputados comprometidos com esse projeto.

Desde o início do semestre os programas policiais noticiavam casos de violência dentro das escolas públicas e reprisavam diariamente casos de homicídios cometidos em anos anteriores para retratar situações de impunidade em relação aos jovens infratores. Ocorreu um alinhamento temático e opinativo entre os programas televisivos desta categoria – Balanço Geral (Rede Record), Brasil Urgente (SBT) e Cidade Alerta (Rede Record) – no intuito de promover políticos que defendiam a diminuição da maioria penal. O apresentador do programa Brasil Urgente, José Luiz Datena, utilizou o bordão “escola pública é a faculdade do crime”⁴ e, em pouco tempo, os demais apresentadores do jornalismo policial passaram a reproduzir.

Constatamos, nas entrevistas com comerciantes e moradores vizinhos da escola, os efeitos da postura editorial destes jornalistas.

O ódio dos comerciantes

A escola pública que pesquisamos foi construída na década de 1930 e fica em uma região de alto capital econômico da cidade de São Paulo, considerada um “bairro nobre”. A maioria dos educandos que estavam matriculados não moravam naquela

⁴ Pesquisei os vídeos do programa Cidade Alerta no portal da emissora e constatei que a seleção temática e o uso do bordão apareceram na segunda semana de janeiro de 2014. Em março do mesmo ano os apresentadores Marcelo Rezende e Geraldo Luís adotaram o bordão do programa concorrente.



região, eram remanejados devido ao bom desempenho escolar ou por causa da superlotação nas regiões periféricas onde moram – especialmente em Osasco e Cotia.

Os habitantes do bairro nobre colocavam os seus filhos nas muitas escolas privadas destinadas à elite. Os filhos dos zeladores que moravam nos prédios faziam parte dos poucos moradores da região estudavam nessa escola.

Alguns pais reclamavam que os seus filhos saíam de casa as cinco da manhã e precisavam pegar duas conduções, mas a maioria dos familiares tentava matricular seus entes naquela unidade por causa das condições precárias das escolas estaduais da região onde moram – relataram constante falta de água, banheiros e lousas quebrados e constante falta de educadores.

Ao lado da escola há prédios residenciais e lojas comerciais. No posto dos Correios, vizinho da escola, os funcionários disseram não conhecer a sua rotina⁵.

Porém, as entrevistas feitas na padaria revelaram uma relação de tensão com a presença da escola na região. Os funcionários tinham um discurso padronizado sobre o trâmite de educandos na rua, afirmando que eles prejudicavam o movimento da padaria e que os donos acham que um dia eles podem vandalizar ou assaltar o seu comércio⁶. Entretanto, eles afirmaram que nunca houve qualquer tipo de incidente entre a comunidade escolar e aquele estabelecimento. Afirmaram que a comunidade escolar entrava pouco no estabelecimento.

A entrevista com o proprietário da padaria elucidou a origem da opinião dos funcionários sobre a escola. Ele aceitou dar a entrevista nutrindo a esperança de que eu pudesse ajudar um movimento organizado por uma empreiteira e pela associação de lojistas da região a fechar a escola, mesmo tendo sido informado de que era uma tese doutoral e que esse não era o objetivo da pesquisa. Segue a entrevista:

Pesquisador (P): Como você considera sua relação com a escola?

⁵ As entrevistas foram concedidas no dia 7 de março de 2014, dentro da empresa dos Correios e do Estacionamento.

⁶ As entrevistas com os funcionários da padaria foram descontraídas, sem uso de questionário ou anotações, e ocorreram enquanto eu consumia café, almoçava ou levava pão para casa. O primeiro levantamento começou no dia 7 de março de 2014 e terminou no dia 30 de maio do mesmo ano.



Entrevistado (E): Como todos aqui na região, é uma relação tensa. Ruim.

P: Por quê? Poderia me explicar melhor?

E: Primeiro, as pessoas que moram neste bairro não colocam os seus filhos em escolas públicas. Eles colocam os filhos em escolas particulares, como faz qualquer um que tenha um mínimo de dinheiro para garantir o futuro dos filhos. Escola pública não presta, você sabe disso melhor do que eu. Poderiam ter fechado a escola, feito uma biblioteca ou museu. Podiam vender para fazerem mais prédios e usar o dinheiro para construir escolas em outros lugares. As pessoas que frequentam a escola são de fora, de bairros pobres, o que fazem aqui? Não deveria ter escola lá? Eles vêm pra cá, acham tudo bonito, tudo organizado, ficam nos invejando. Depois já viu.

P: Você falou em acabar com a escola. Você sabe a origem dela, desde quando ela existe? Algo sobre sua história?

E: Não, não sei. Quando a nossa família se instalou aqui está escola já existia, mas não era como hoje. Eram outros tempos. Essa escola tem cara de velha. Uma senhora de idade uma vez me disse que seus filhos estudaram nela, junto com os filhos dos vereadores. Mas isso faz muito tempo, na época em que a escola pública era boa.

P: Você sabe como ela funciona?

E: Não sei, mas deve ser igual as outras.

P: Igual como?

E: Não sei. Tem aula vaga, professor que não quer dar aula, drogas.

P: De onde você tirou estas informações? Tem parentes que estudam nelas?

E: Não, meus filhos e sobrinhos estudam em particulares. Minha empregada tem um filho que estuda nessas escolas públicas. Ele vive na rua por que não tem aula. Na TV sempre falam desses problemas, os políticos prometem melhorar. Não melhoram.

P: Qual o impacto da escola nesta comunidade?



E: Não gostamos, não nos sentimos seguros. Esta padaria foi projetada para atender as famílias do bairro, investimos em padeiros e confeitores, mas hoje ninguém vem mais comprar aqui. Mandam a empregada. Hoje ganhamos dinheiro servindo almoço para quem trabalha na região. As pessoas têm medo desses alunos, por isso o movimento cai.

P: Por quê?

E: Olha para eles. Não quero ser preconceituoso, mas essa gente é pobre, menor de idade. Bate um vício de droga, uma maldade, eles podem vir aqui assaltar, barbarizar, e não vão presos. São menores. Somos reféns deles. Olha a porta da padaria, gastei muito dinheiro para colocar as catracas. Sem falar nas câmaras e no serviço de segurança que pago à parte. O Estado, que deveria me proteger, acaba me colocando em risco. Quem vai querer tomar café da manhã ou almoçar com o seu filho aqui durante a semana? Ninguém. Já nos reunimos com os outros comerciantes e moradores para fechar a escola, mas não conseguimos.

O discurso de ódio do dono da padaria revela os sentimentos negativos de comerciantes estabelecidos naquela região, como o manifesto pelo responsável por um estacionamento que xingava os estudantes e se recusava a participar da entrevista. Eu não vi educadores ou educandos entrando na padaria para beber ou comer, preferiam ir até uma lanchonete a uma quadra e meia de distância. Uma docente de português disse que já foi constrangida pelos funcionários quando foi tomar café.

Quando o dono da padaria foi questionado sobre o objeto de pesquisa, ele afirmou que a escola pública em geral é uma instituição incapaz de proporcionar uma educação de qualidade e por esse motivo ele e os moradores do bairro nobre colocam os seus filhos em escolas particulares. Ele reproduz o “mito da iniciativa privada”, desconsiderando a possibilidade de existirem escolas que não sejam pagas melhores do que aquelas que cobram.



O dono da padaria também diferencia dois grupos sociais: aqueles que podem pagar pela educação, “melhor educados e com bens”, daqueles que utilizam o serviço público, “mal-educados, invejosos e potencialmente criminosos”. Por esse motivo ele acredita que a escola deveria ser fechada para dar espaço para uma outra instituição, ou se vender o prédio para construir outra escola nos bairros pobres – isolando os problemas decorrentes dos choques entre duas classes sociais distintas. Para ele, “bons pais” trabalham para “pagar uma escola” para os filhos, o que indiretamente significa que as pessoas que colocam os filhos em uma escola pública não são boas pessoas. O consumo do ensino privado estaria ligada a figura do *bonus pater familias*.

O entrevistado confessa que não entende do funcionamento da escola e que foi informado pela empregada e pela televisão de que na escola pública não tem aula, que os educadores faltam e que ela é controlada pelo tráfico de drogas. Há vários problemas na construção do seu imaginário sobre as escolas públicas que estão diretamente relacionadas com as notícias veiculadas pelo jornalismo policial⁷.

O entrevistado acreditava no que estava dizendo e enxergava com clareza uma potencial ameaça oriunda dos “invejosos menores pobres que escondem um potencial criminoso”, reproduzindo todo um leque de preconceitos que ele não confessa. Suas insinuações não correspondem com a realidade. Fiz uma consulta na delegacia responsável pela região⁸ e o delegado afirmou que a incidência de crimes envolvendo menores perto da escola é muito pequena. Ele também disse que nos cinco anos que ele trabalha na delegacia não se lembra de problemas envolvendo estudantes da escola.

O entrevistado e os demais comerciantes estavam reproduzindo estereótipos, ou seja, opiniões socialmente compartilhadas do mundo que têm como função prever comportamentos ou ameaças em determinadas situações que desconhecemos. Como não podemos acompanhar os trabalhos de políticos, jornalistas e educadores por conta

⁷ No dia anterior, dia 27 de março de 2014, os dois programas policiais da TV Record reprisavam constantemente uma matéria sobre a presença de traficantes nas escolas públicas brasileiras, sendo que a matéria foi produzida no dia 6 de fevereiro de 2013. <https://www.youtube.com/watch?v=DkQqURqtchY> <acesso em 28 de março de 2014>.

⁸ As consultas foram feitas na delegacia de polícia no dia 3 de abril de 2014.



de nossas limitações, aceitamos uma imagem socialmente construída e transmitida pela opinião alheia para avaliarmos esses profissionais quando tomamos contato com eles: um *estereótipo*. Ensinam-nos a confiar em policiais, a ter medo de criminosos, a acreditar nos jornalistas e assim por diante – quando tomamos contato com eles, já sabemos o que pensar e como agir. Esses estereótipos negativos também recaem sobre os pobres e os afrodescendentes que estudam na escola – já são marginalizados *a priori*.

Os estereótipos são facilitadores da realidade, mas, como todo facilitador, produz preconceitos e reducionismos prejudiciais a determinados grupos sociais. O comunicador Walter Lippmann, um dos primeiros especialistas em opinião pública, explica com clareza este fenômeno:

As mais sutis e penetrantes de todas as influências que podem nos impor são as que criam repertórios de estereótipos. Através deles somos informados sobre o mundo antes de vê-lo. Nós imaginamos muitas coisas antes de examiná-lo. E esses preconceitos, a menos que a educação os tenha tornado conscientes, governam profundamente todo o nosso processo de percepção. Eles classificam certos objetos como familiar ou estranho, enfatizando as diferenças, de modo que aquilo que nos é pouco familiar é visto como muito familiar, e aquilo que é pouco estranho como muito alienígena. Eles são despertados por pequenos sinais, que podem variar de uma referência fiel ou de uma vaga analogia. [...] O que importa é o caráter dos estereótipos, e a crueldade com que os empregam. E estes, no final, dependem desses padrões inclusivos que constituem nossa filosofia de vida. Se na filosofia que assumirmos o mundo estiver codificado de acordo com um código que possuímos, então estamos propensos a reportar o que está acontecendo descrevendo um mundo governado por estes códigos (LIPPMANN, 1997, p. 60).

O medo dos moradores

Não podemos dizer que as manifestações preconceituosas encontradas na padaria sejam um ato isolado, feito por um indivíduo segregacionista. Em minhas pesquisas com os moradores da região, os estereótipos se repetiram em seus discursos, mostrando que há um alinhamento ideológico entre os moradores sobre os estudantes daquela escola.

No prédio residencial de alto padrão ao lado da escola, há muros enormes, cerca elétrica e um forte esquema de segurança privada. Foi muito difícil contatar o síndico, que não aceitou conversar. Os moradores chegam de carro, raramente saem do prédio para andar na calçada. Consegui entrevistar uma moradora que estava saindo do prédio



para passear com os cachorros. Assim como o dono da padaria, ela inicialmente achou que eu estava fazendo uma pesquisa para fechar a escola. Segue a entrevista⁹:

Pesquisador (P): Como você considera a relação dos moradores do seu prédio com a escola?

Entrevistada (E): Não há relação possível com essa gente. Que tipo de relação vamos ter? Não frequentamos a escola, não andamos no bairro deles, não escutamos as músicas que eles ouvem. Olha a roupa daqueles garotos [camisetas da Gaviões da Fiel] saindo da escola. Torcida organizada é facção criminosa. Querem que eu dê bom dia para eles? Claro que não. Se quisessem estudar, nós poderíamos estabelecer uma boa relação.

P: A relação foi sempre assim? Você sabe qual a origem desta escola? Conhece a história dela?

E: Meu marido, que faleceu no ano passado, comprou este apartamento em 1995. Eram bons tempos. A escola já existia, era melhor frequentada. Não conheço a história desta escola. Piorou dos últimos anos para cá.

P: Piorou como?

E: A violência começou a aumentar, os direitos humanos começaram a proteger os menores, e aí tudo piorou. O governo começou a mandar gente da periferia para estudar aqui, e isso piorou a segurança. Chamam isso de inclusão social. Inclusão social é colocar a escola na favela, não aqui. Tem gente que já reclama de carro arranhado, de ameaça de assalto.

P: Você já foi vítima ou conheceu alguém que foi?

E: Ouvi falar aí no prédio da frente. Comigo não aconteceu nada, graças a deus. Mas certamente já aconteceu, né. Vemos isso na TV todos

⁹ A entrevista foi concedida no dia 16 de maio de 2014, na rua em frente ao prédio vizinho à escola. Não consegui fazer um questionário para traçar o perfil socioeconômico da senhora.



os dias. A escola forma criminosos, pois o governo os ensina a roubar de quem tem ao invés de trabalhar.

P: Você está dizendo que esta escola os ensina a roubar de quem tem dinheiro?

E: Não ensinam assim, mas está subentendido nessa educação do Paulo Freire que o governo impõe. Acham que a gente sempre está devendo algo para eles. Ficam recebendo mil reais com Bolsa Família, bolsa casa, bolsa faculdade, cotas, e a escola chama isso de “direitos”.

P: Você acha que esse é o maior impacto da escola na comunidade? Tem mais alguma contribuição positiva ou negativa?

E: Quando meu marido tinha acabado de comprar o apartamento, nós descíamos com as crianças para tomar café na padaria, íamos no teatro a pé. Hoje não podemos mais fazer isso. Eu estava falando com minha amiga que mora no prédio da frente sobre esta situação, mas o problema é que a escola diminui o valor dos imóveis. Não tem como vender e comprar outro neste bairro, mais afastado. Já nos reunimos com a associação de bairro, mas não conseguimos tirar esta escola. A gente tem que deixar na mão de deus mesmo e evitar sair na rua.

No discurso da moradora constatamos os mesmos estereótipos utilizados pelo dono da padaria para explicar seu mundo, podendo assim traçar um padrão. Ela também reclama da suposta falta de segurança que os estudantes que frequentam a escola trazem, além de criticar a eficiência e utilidade do ensino público. Utiliza expressões como “inveja” para explicar as supostas motivações criminais dos estudantes contra a população do bairro – causadas pelas concepções educacionais de Paulo Freire. Também faz referência aos meios de comunicação para justificar os seus estereótipos e pontos de vista preconceituosos.

As visões de mundo reproduzidas nesses discursos estão em sintonia com outras vozes e discursos paralelos que disseminam estereótipos reproduzidos pelos meios de



comunicação. Programas policiais como “Balanço Geral”, “Brasil Urgente” e “Cidade Alerta”, recordistas de audiência na tarde paulistana, reproduzem os clichês presentes no imaginário do dono da padaria e da moradora: “falta de segurança”, “menores de idades que estupram e matam impunemente”, “periferias com altos índices de criminalidade”, “os pobres vagabundos que não querem trabalhar”, “as escolas públicas que viram faculdades do crime”. Associações incoerentes entre “escola pública” e “crime organizado” eram muito comuns no jornalismo policial¹⁰, o que contribuiu com a sensação de insegurança, aumenta o preconceito contra os mais pobres e alimenta grupos sociais segregacionistas.

As afirmações sobre o ensino público feitas pelos entrevistados e disseminadas pela mídia não correspondiam à realidade. Os dados oficiais do Exame Nacional do ensino médio nos últimos anos mostram que os estudantes das escolas públicas federais têm uma média de notas maior que os das escolas particulares¹¹. Em São Paulo, a média das escolas privadas supera a das escolas estaduais com uma baixa vantagem. Em relação ao uso de drogas, a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) divulgou dados que mostram um consumo de drogas muito maior entre os estudantes de escola privada do que entre os de escolas públicas¹², mesmo em relação a drogas baratas, como é o caso do *crack*, segundo dados do IBGE¹³.

Mesmo quando esses dados se tornam públicos pelos meios de comunicação, tanto a imprensa quanto a opinião pública evitam refletir sobre os estereótipos já

¹⁰ O constante ataque midiático contra as escolas públicas feito por jornalistas policiais como José Luiz Datena do programa “Brasil Urgente” (TV Bandeirantes) aumentou no ano de 2015, alimentado pela discussão política na Câmara dos Deputados sobre a redução da menoridade penal. O programa reprisava matérias frias como a da menina que foi abusada sexualmente no banheiro da escola (19/5/2015) e de traficantes que tomam conta de uma escola pública em Ceilândia (20/5/2015) no intuito de comover a opinião pública. O jornal utiliza uma linguagem discursiva e visual que associa o afeto de irascibilidade ao seu preconceito contra as classes sociais que frequentam as escolas públicas, um recurso de discriminação típico do fascismo (SLOTTERDIJK, 2012).

¹¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/alunos-de-escolas-federais-tem-maiores-medias-nas-provas-do-enem.html>>. Acesso em: 20 maio 2015.

¹² Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-consumo-de-droga-e-maior-em-escola-privada,654615>>. Acesso em: 20 maio 2015.

¹³ Disponível em: <<http://www.antidrogas.com.br/mostraartigo.php?c=4039&msg=Consumo%20de%20crack%20E9%20maior%20em%20escolas%20particulares%20de%20SL,%20diz%20IBGE>>. Acesso em: 20 maio 2015.



consagrados que povoam suas visões de mundo. É preciso justificar a superioridade cognitiva e moral da classe dominante sobre os integrantes da classe dominada, refutando qualquer tipo de evidência ou argumento que revele a perversidade de suas ações e valores (BAKHTIN, 2002; BOURDIEU; PASSERON, 2009). A mídia, os comerciantes e os moradores não admitiriam facilmente serem os verdadeiros agressores na relação com os estudantes que frequentam a escola.

Não é de se admirar que qualquer perturbação dos estereótipos parece ser um ataque aos fundamentos do universo. É um ataque contra as bases do nosso universo, e, quando coisas grandes estão em jogo, não admitimos prontamente que não há qualquer distinção entre o nosso universo e o universo real. Um mundo pode acabar quando os homens honrados se tornam indignos, e quando aqueles que desprezamos são nobres – é desesperador. [...] os fundamentos de autorrespeito seriam abalados se as pessoas que organizam o mundo sobre máximas descobrissem que essas não são verdadeiras. Um padrão de estereótipos não é neutro. É a garantia de nossa autoestima; é a projeção sobre o nosso mundo, sobre o nosso senso de valores, posições e direitos. Os estereótipos são, portanto, altamente carregados de sentimentos ligados a eles. Eles são a fortaleza de nossa tradição, e atrás de suas defesas podemos continuar a sentir seguros na posição que ocupamos (LIPPMANN, 1997, p. 63).

Considerações

As semelhanças entre os discursos dos comerciantes e dos moradores vizinhos da escola pública pesquisada e as matérias e opiniões veiculadas pelos três principais programas televisivos de jornalismo policial no período das entrevistas revelam um agendamento midiático e opinativo preconceituoso sobre a educação pública, produzindo um estereótipo negativo de criminalização dos membros da comunidade escolar.

O consumo da educação privada aparece como um fator de distinção social que delimita as “pessoas de bem”, advindas de famílias que se preocupam com a educação ética dos filhos, e os “marginais”, que não trabalham para colocar os seus filhos em “boas escolas” e os entrega ao cuidado do “crime organizado” oferecido pelo Estado.

A reprodução do preconceito midiático contra estudantes de escolas públicas para sustentar um clima de insegurança e medo, estratégia típica do discurso fascista (SLOTERDIJK, 2012; TIBURI, 2015), causou situações de desrespeito e ofensa que “pode abranger graus diversos de profundidade na lesão psíquica de um sujeito: por



exemplo, entre o rebaixamento palpável ligado à denegação de direitos básicos elementares e humilhação sutil” (HONNETH, 2003, p. 214).

Atualmente as estratégias midiáticas de degradação comprometem o reconhecimento das reivindicações estudantis que exigem melhorias nas condições de ensino, excluindo a participação da comunidade escolar nos debates públicos sobre as ocupações escolares em 2015 e 2016.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2009.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática dos conflitos morais. São Paulo: Editora 34, 2003

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. New York: Free Press Pbks ed., 1997.

McCOMBS, Maxwell. **Setting the Agenda**: The Mass Media and Public Opinion. Malden-USA: Blackwell Publishing, 2004.

MEUCCI, Arthur. **Os vínculos entre educador e educando no ensino médio**: experiências de ética e reconhecimento em escolas públicas. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

SLOTERDIJK, Peter. **Ira e tempo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista**: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2015